

Gallaecia. Estudos de lingüística portuguesa e galega

Universidade de Santiago de Compostela, 2017. ISBN 978-84-16954-41-4, pp. 119-132

DOI <http://dx.doi.org/10.15304/cc.2017.1080.1>

Próclise e ênclise em Padre António Vieira

Ana Paula Banza

Universidade de Évora / Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades

anabanza@uevora.pt

Proclisis and Enclisis in Father António Vieira

Resumo

O presente artigo aborda a posição dos clíticos em português, nas orações principais afirmativas sem proclisadores. Partindo do princípio de que, no final do período clássico da língua (séc. XVII), estaria em curso uma mudança no sentido da substituição da próclise pela ênclise nas construções referidas e verificando-se que, por um lado, autores que funcionam como *auctoritas* na época, em matéria de usos linguísticos, como D. Francisco Manuel de Melo e Pe. António Vieira, apresentam tendências muito diferentes quanto à posição dos clíticos (Martins 1994) e, por outro, que tais tendências são também muito diversas entre os *Sermões*, estudados por Martins (1994) e as *Cartas*, estudadas por Galves (2003) e Galves, Britto e Sousa (2005), do Padre António Vieira, apresentam-se aqui, recorrendo a uma abordagem fundamentalmente quantitativa, os dados do longo texto da *Representação...*, de Padre António Vieira, em confronto com os dados dos *Sermões* e das *Cartas*, com o objectivo de verificar a relevância dos factores cronologia e género na opção pela próclise ou pela ênclise neste período. Os dados analisados permitem confirmar a irrelevância do factor cronologia e a relevância do factor género, permitindo ainda atestar a persistência nos textos de Vieira de dois traços antigos: a interpolação e a mesóclise.

Palavras-chave

Diacronia, português clássico, António Vieira, clíticos

Sumário

1. Próclise e ênclise no final do período clássico do Português. 2. Próclise e ênclise nos *Sermões*. 3. Próclise e ênclise nas *Cartas*. 4. Próclise e ênclise na *Representação...* 5. Conclusões.

Abstract

This paper discusses the position of clitics in Portuguese, in the main affirmative clauses without proclisators, and does so on the premise that, at the end of the classic period of the language (17th century), there would be an ongoing shift towards replacing the proclisis by enclisis in these constructions. By verifying that on the one hand, authors who work as *auctoritas* at the time, in matters of language uses (such as D. Francisco Manuel de Melo and Father António Vieira) have very different approaches regarding the position of clitics (Martins 1994); and, on the other, that such tendencies are also very different between *Sermons*, studied by Martins (1994) and *Cartas*, studied by Galves (2003) and Galves, Britto and Sousa (2005), by António Vieira, it presents, using a mainly quantitative approach, the data from an extended text such as *Representação...* by António Vieira in comparison with the data from the *Sermões* and *Cartas*, in order to check the relevance of chronology and gender factors in the choice of proclisis or enclisis in this period. The analysed data allows the irrelevance of chronology and the relevance of gender to be confirmed, enabling an assessment of the persistence in Vieira's texts of two older features: interpolation and mesoclis.

Keywords

Diachrony, classical Portuguese, António Vieira, clitics

Contents

1. Proclisis and enclisis at the final of the classical period of Portuguese. 2. Proclisis and enclisis in *Sermões*. 3. Proclisis and enclisis in *Cartas*. 4. Proclisis and enclisis in *Representação...* 5. Conclusions.

1. Próclise e ênclise no final do período clássico do Português

No Português actual, a colocação dos clíticos apresenta uma diferença assinalável entre o Português do Brasil, onde a próclise se generalizou, e o Português europeu, onde a distribuição entre próclise e ênclise é regida por regras que fazem depender o tipo de colocação do clítico do tipo de oração e da presença ou ausência de elementos proclisadores, configurando, assim, um caso de distribuição complementar.

No Português europeu, que aqui nos ocupará e que tem sido estudado, em diferentes perspectivas, por vários autores, desde o final do séc. XIX/início do séc. XX, é sabido que a alternância entre próclise e ênclise com predomínio da ênclise, no Português antigo, alterou o seu rumo aparente no sentido de uma progressiva afirmação da próclise no Português médio e clássico, seguida de uma nova inversão desta tendência em favor da ênclise como padrão de colocação básico no Português moderno, que recuperou a tendência verificada no Português antigo:

Português antigo: Próclise → Ênclise

Português médio e clássico: Ênclise → Próclise

Português moderno: Próclise → Ênclise

Neste, como noutros casos, torna-se evidente que a mudança está longe de ser linear, podendo avançar ou regredir em função de diversos factores, internos ou externos à língua, verificando-se aqui sucessivos movimentos de avanço e recuo que, se não são propriamente muito comuns, são possíveis pela própria natureza da mudança linguística: constante, mas apenas parcialmente previsível e regular.

Assim, no final do período clássico da língua (séc. XVII), é observável variação entre o predomínio da próclise, quase absoluto no português clássico, e o predomínio da ênclise, que viria a impor-se no português europeu moderno.

Partindo do princípio de que a variação precede a mudança, assumimos aqui a ideia, amplamente divulgada (Kroch 1989, 2001), de que a variação se dá entre gramáticas concorrentes, podendo, em cada momento, a competência linguística dos falantes comportar mais do que uma gramática. Assim, em determinados períodos, como é o caso do final do séc. XVII, na charneira entre o Português clássico e o Português moderno, são visíveis diferentes gramáticas que competem entre si: uma conservadora e uma inovadora. Nestes casos, uma das formas em competição, regra geral a forma inovadora, começa a sobrepor-se à outra, podendo a preferência por uma das formas ser atestada em termos meramente estatísticos ou também, como veremos, por preferências estilísticas.

Efectivamente, no caso que aqui nos ocupa, a variação observada não parece aleatória, pelo que não é analisável em termos meramente estatísticos, mas parece antes condicionada por factores para cujo esclarecimento procuramos contribuir

trazendo à colação alguns dados novos, de um texto, tanto quanto sabemos, ainda não analisado quanto a este aspecto e que poderá, segundo esperamos, contribuir de alguma forma para o estudo desta questão na perspectiva diacrónica da evolução do fenómeno de mudança da próclise para a ênclise, na fronteira entre o português clássico e o português moderno.

Com efeito, neste período, autores que funcionam como *auctoritas* na época, em matéria de usos linguísticos, como D. Francisco Manuel de Melo e Pe. António Vieira, embora sejam contemporâneos e, em princípio, sujeitos a idêntico ambiente linguístico, esperando-se, em consequência, que apresentassem gramáticas particulares semelhantes, apresentam, no entanto, tendências muito diferentes quanto à posição dos clíticos. Segundo Martins (1994), enquanto D. Francisco Manuel de Melo continua a apresentar uma preferência quase absoluta pela próclise, manifestando uma gramática conservadora, Vieira, nos seus *Sermões*, revela já uma preferência muito acentuada pela ênclise, representativa de uma gramática inovadora. Estes dados são, no entanto, contestados pelos obtidos por Galves (2003) nas *Cartas* do mesmo autor, onde a próclise é, segundo a autora, dominante. Tal observação leva Galves, Britto e Sousa (2005) a considerar não ser este um traço do autor, mas antes um traço do género, considerando o predomínio da ênclise nos *Sermões* de Vieira, mais do que uma marca inovadora, uma ordem estilisticamente marcada na oratória barroca, o que explicaria o facto de esta não ser relevante noutros textos contemporâneos do mesmo autor, nomeadamente nas *Cartas*.

Assim, face ao estado da questão, procuramos aqui:

- a. Confirmar o predomínio da ênclise nos *Sermões* e a adequação de diferentes hipóteses explicativas para tal facto, nomeadamente:
 - Hipótese 1: O predomínio da ênclise nos *Sermões* configura um traço inovador da Gramática de Vieira (hipótese de Martins);
 - Hipótese 2: O predomínio da ênclise nos *Sermões* configura um traço estilístico da Oratória barroca (hipótese de Galves *et al.*);
 - Hipótese 3: O predomínio da ênclise nos *Sermões* resulta da influência da época em que cada sermão foi escrito, tornando-se progressivamente mais presente entre os textos da juventude e os da velhice;
- b. Confirmar o predomínio da próclise nas *Cartas* e a eventualidade de interferência do factor cronológico no aumento da ênclise entre os textos da juventude e os da velhice;
- c. Verificar, usando o longo texto da *Representação...*, de Padre António Vieira – escrito entre 1665 e 1666, data da morte de D. Francisco Manuel de Melo – em confronto com os dados dos *Sermões* e das *Cartas*, se o predomínio da próclise nas *Cartas* de Vieira é extensível a outros textos não oratórios, no-

meadamente à *Representação...*, o que confirmaria o factor género como determinante na opção entre próclise e ênclise no séc. xvii.

- d. Finalmente, procuramos ainda verificar a persistência de traços de uma “gramática antiga” (Mateus *et al.* 2003: 865): interpolação e mesóclise, nos textos de Vieira, por oposição à preferência pela ênclise, como traço de uma gramática “moderna”, nos *Sermões*.

Para o efeito, conforme acima referimos, tomamos como *corpus* principal o texto da *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício* (Banza 2008), confrontado com uma amostra de três *Sermões* e de três *Cartas*, do início, meados e final do séc. xvii.

No *corpus* referido, procedeu-se ao levantamento e análise quantitativa das “ocorrências de próclise ou ênclise em orações não dependentes “neutras” – isto é: orações em que a próclise não é tornada obrigatória pela presença de um operador de negação predicativo, de um quantificador, de um sintagma *qu-* ou de certos advérbios; nem a ênclise é tornada obrigatória por o verbo ocorrer em início absoluto de frase” (Martins 1994: 272).

2. Próclise e ênclise nos *Sermões*

Segundo Martins (1994: 269), “Vieira é, no século xvii, o autor cujos textos manifestam, nas orações não dependentes, o abandono da colocação preferencialmente proclítica, característica do Português do século xvi, e o aparecimento em força da ordem verbo-clítico”. A autora fundamenta esta afirmação com as percentagens registadas nos *Sermões* de Vieira de 31.6% de próclises face a uns expressivos 68.4% de ênclises, por contraste com os, ainda mais expressivos mas em sentido contrário, 92.3% de próclises face a 7.7% de ênclises registadas na obra do seu contemporâneo Francisco Manuel de Melo, o que permite aproximar os valores dos *Sermões* de Vieira, não dos da obra do seu contemporâneo Melo, mas sim dos da obra do já setecentista (1713-1792) Verney, onde se regista 27.3% de casos de próclise face a 72.7% de casos de ênclise (Martins 1994: 273).

Atendendo a que Martins terá usado como *corpus Sermões* de diferentes épocas considerados no seu conjunto, e tendo Vieira vivido quase um século, colocamos aqui a hipótese levantada, ainda que sem grande convicção, por Ivo Castro, de o factor cronológico poder ser relevante nesta questão. Segundo este autor, Vieira “[...] sobreviveu a Melo cerca de trinta anos: mas não é seguro que esse facto tenha tido consequências sobre a sua gramática” (Castro 2006: 197).

Assim, com o objectivo de averiguar a existência de uma possível relação entre a data dos *Sermões* e a preferência pela próclise ou pela ênclise – isto é, com vista a perceber se a predominância da ênclise nos *Sermões* se verifica em todos eles, con-

figurando assim uma possível característica do género, ou apenas nos mais antigos, revelando-se, em tal caso, como reflexo da evolução do fenómeno ao longo do séc. XVII, que Vieira viveu quase na sua totalidade (1608-1697) – analisamos aqui, com base na conhecida edição da Lello e Irmão (1959) dos *Sermões*:

- o primeiro sermão de Vieira, pregado na Baía antes de 1633, com pouco mais de vinte anos, poucos anos depois da entrada na Companhia de Jesus, em 1623, com apenas 15 anos: S. do Nascimento do Menino Deus (*Sermões* I: 277-293);
- um sermão sensivelmente contemporâneo da *Representação...*, pregado em Lisboa em 1669, com 61 anos, pouco depois da libertação da prisão em 1667: S. das Lágrimas de S. Pedro (*Sermões* V: 93-117)¹;
- e o último sermão datável, pregado na Baía em 1696, com 88 anos, pouco antes da morte, em 1697, com 89 anos: S. do Felicíssimo Nascimento (*Sermões* XV: 157-177).

Os resultados percentuais foram os seguintes:

- S. do Nascimento do Menino Deus (SNMD) – Antes de 1633
 Próclise: 30% (9)
 Ênclise: 70% (21)
- S. das Lágrimas de S. Pedro (SLSP) – 1669
 Próclise: 7.1% (2)
 Ênclise: 92.8% (26)
- S. do Felicíssimo Nascimento (SFN) – 1697
 Próclise: 37.9% (11)
 Ênclise: 62% (18)

Vejam-se alguns exemplos de ambos os tipos de colocação nos *Sermões*:

Próclise

- Os mesmos pastores *o entenderam e declararam...* (SNMD)
- Ele *as ensinou*, e nós *as aprendemos*: nós *as continuamos*, mas Ele *as começou...* (SNMD)
- Com os olhos *se há-de fazer...* (SLSP)
- Agora *o veremos*. (SLSP)
- Agora *me substituiu* Deus neste filho o meu Abel... (SFN)
- Neste privilégio [...] *se correspondem...* (SFN)

¹ Este sermão está também editado em Espírito Santo, Pimentel e Banza (2008: I, 427-452).

Ênclise

- Profetiza-lhe e *declara-lhe*, que o Esposo é o adorado de todo o mundo... (SFN)
- As vozes *ouvem-se*, não se vêem... (SNMD)
- Este mesmo Isaac [...] *casou-o* Deus com Rebeca... (SNMD)
- Nos três *via-se* e *revia-se* o pai... (SFN)
- A Pedro *pôs-lhe* os olhos Cristo (SLSP)
- Faltando água no deserto [...] *chegou-se* Moisés a um penhasco, *deu-lhe* um golpe... (SLSP)

A análise percentual dos dados dos *Sermões* estudados permite, de facto, no que respeita aos padrões de colocação dos clíticos, observar uma estrutura já muito semelhante à actual, com predomínio da ênclise como padrão de colocação básico.

Assim, confirma-se, conforme esperávamos, apesar da exiguidade da amostra, o predomínio da ênclise. Se tomarmos os dados dos três *Sermões* no seu conjunto, os resultados são expressivos e próximos dos de Ana Maria Martins, que acima se referiram, de 31.6% de próclises face a 68.4% de ênclises, nomeadamente:

Próclise: 25.2% (22)

Ênclise: 74.7% (65)

Por outro lado, verifica-se também a inadequação da hipótese 3, que avançava a possibilidade de a cronologia dos *Sermões* poder reflectir-se no padrão de colocação dos clíticos, confirmando-se a inexistência de correlação aparente entre o predomínio da ênclise e a data dos *Sermões*, uma vez que, curiosamente, o sermão mais recente é, inclusive, o que regista uma maior percentagem de próclise.

De notar, também, nos *Sermões* analisados, a interpolação, ainda maioritária mas concorrendo já com a não interpolação, do advérbio de negação *não* entre a forma clítica e a forma verbal, não apenas nas orações subordinadas finitas, onde a sua presença é quase absoluta, o que corrobora os dados de Martins (1994: 272), mas também noutros tipos de orações, como característica do português antigo e ainda do português clássico que desaparece no português moderno:

Interpolação: 54.8% (17)

Não interpolação: 45.1% (14)

Sendo certo que a interpolação de *não* é, ainda actualmente, possível, não é menos certo que ela está claramente em desuso e restrita a usos dialectalmente e/ou socialmente marcados, enquanto, nos textos oratórios de Vieira, é maioritária. Este facto, a confirmar noutros textos, permite colocar como muito provável a hipótese de

que a perda da interpolação se terá dado já no período moderno da língua e que, se, por um lado, os Sermões revelam uma clara preferência pela ênclise, traço de uma gramática moderna, por outro, mantêm traços de uma gramática antiga no que respeita à interpolação de *não*.

Vejam-se apenas alguns exemplos, nos *Sermões* analisados:

- Antes que passe adiante, o concurso do dia e do mistério *me não permitem deixar...* (SNMD)
- A quem se escusa de falar em público, porque não pode, ainda que saiba, aceita Deus a escusa: e a quem, como eu, se escusa, porque não pode, nem sabe, talvez *a não aceitam* os que estão em lugar de Deus. (SNMD)
- Porque no enterro, e antes de enterrado, viam a Abner, depois de enterrado já *o não viam...* (SLSP)
- [...] pois porque no Céu todos o amam, e ninguém O ofende; e na terra toda não há quem *O não ofenda?* (SNMD)
- [...] se eu *me não engano...* (SFN)
- [...] porque a expressão destes afectos *se não podia compreender...* (SFN)

3. Próclise e ênclise nas *Cartas*

À semelhança do que fizemos em relação aos Sermões, também no caso das *Cartas* procuramos, recorrendo a uma pequena amostra de três textos de períodos cronologicamente distintos da vida de Vieira, por um lado, confirmar os dados, neste caso de Galves (2003) e, por outro, a eventual interferência da cronologia, neste caso das *Cartas*, nos resultados obtidos. A amostra é constituída pelos seguintes textos, todos bastante curtos:

- Carta I (1647), a certo ministro da côrte de Lisboa (*Cartas* I: 5);
- Carta LVII (1669), ao duque do Cadaval (*Cartas* II: 75-76);
- Carta XCII (1697), para Sebastião de Matos e Sousa (*Cartas* III: 131-132).

Os dados obtidos na nossa pequena amostra foram os seguintes:

- Carta I (1647)
 Próclise: 100% (2)
 Ênclise: 0% (0)
- Carta LVII (1669)
 Próclise: 50% (1)
 Ênclise: 50% (1)
- Carta XCII (1697)
 Próclise 60% (3)
 Ênclise 40% (2)

Vejam-se alguns exemplos dos dois padrões de colocação:

Próclise

- Neste mesmo navio tenho escripto a sua majestade, e a v. m. largamente da côrte de Londres; agora *o faço* deste porto... (Carta I)
- [...] dei conta a vossa mercê de como, deixadas todas as molestias, tinha occupado a paciencia no soffrimento de diversas enfermidades, uma destas [...] *me tirou* totalmente a vista [...] e juntamente tendo já mui debilitado o uso de ouvir [...] *o perdi* também... (Carta XCII)
- Não houve tempo de falar de espaço no negocio principal, mas tudo se tocou por maior, e *me parece* que... (Carta LVII)

Ênclise

- Mas de cá *escrevem-se* mentiras, e de lá *responde-se* com lisonjas... (Carta XCII)

Assim, também neste caso, os dados obtidos na nossa amostra confirmam, como esperávamos, ainda que não de forma tão expressiva, neste caso os dados de Galves (2003): 81% de próclises contra 18.9% de ênclises, pois, se considerarmos os dados no seu conjunto, por forma a compará-los, as percentagens são de 66.6% de próclises contra 33.3% de ênclises.

Quanto à interpolação do advérbio de negação *não*, a situação é idêntica à descrita para os *Sermões*, neste caso: 75% (3), face a apenas um caso de não interpolação (25%), verificando-se, assim, nas *Cartas*, tanto no caso da colocação dos clíticos como no da interpolação, a preferência por traços antigos:

- Para em Calais *me não impedirem* a saída... (Carta I)
- [...] porque, ainda que *se não ganhasse* autoridade, não se perderia... (Carta LVII)
- [...] se os mysteriosos desenganos da carta de vossa mercê *me não chegaram* mais à alma... (Carta XCII)

4. Próclise e ênclise na *Representação*

A “Representação dos motivos que tive para me parecerem prováveis as proposições de que se trata” (Banza 2008), dividida em duas partes, é o texto escrito por Vieira, em clausura, entre 1665 e 1666, como defesa perante o Tribunal da Inquisição, tendo sido entregue àquele tribunal em Julho de 1666. Trata-se de um texto expositivo/argumentativo, diferente, portanto, no género, dos *Sermões*, pertencentes ao género oratório, e das *Cartas*, pertencentes ao género epistolar.

No que respeita à distribuição dos casos de próclise e ênclise, atendendo aos dados obtidos por Galves nas *Cartas*, que acima referimos, foi nossa intenção procurar o padrão dominante de colocação dos clíticos na *Representação...*, que, tal como aqueles textos, não pertence ao género oratório e onde, por conseguinte, colocámos como hipótese, que confirmaria a de Galves, encontrar um padrão semelhante na colocação dos clíticos, permitindo, assim, confirmar como muito provável a existência de uma relação entre o predomínio da ênclise e o género oratório em particular, como traço estilístico, como defende Galves, ou – o que, a nosso ver, surge como uma segunda hipótese explicativa, que não invalida a primeira – como traço da oralidade presente nestes textos, originalmente orais e só posteriormente passados à escrita, mas não nas *Cartas* ou na *Representação...*, textos originalmente escritos.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Representação...

Próclise: 73% (301)

Ênclise: 26.9% (111)

O claro predomínio da próclise na *Representação...*, que aproxima este texto das *Cartas*, opondo-o aos *Sermões*, parece, pois, confirmar, no que respeita aos padrões de colocação dos clíticos no tempo de Vieira, que a preferência pelo padrão inovador não é fruto de uma gramática “moderna” de um autor específico: o Padre António Vieira, face a outros seus contemporâneos, como D. Francisco Manuel de Melo, representantes de uma gramática mais conservadora, mas sim fruto da coexistência, neste período, de uma gramática “antiga” e de uma gramática “moderna”, ambas acessíveis à competência de cada falante e ambas activas, parecendo, neste caso, a opção, maioritária mas não exclusiva, pelo traço “moderno”, em Vieira, estar associada a um género textual específico: a oratória – onde, aliás, este traço “moderno” cohabita, no mesmo autor e no mesmo género textual, com traços “antigos” como a interpolação de *não* – o que prova a coexistência das duas gramáticas, restando apurar qual das duas hipóteses explicativas acima apontadas para este facto se revela mais adequada.

Vejam-se alguns exemplos:

Próclise

- A estas profecias [...] *se ajuntam* as de muitos santos...
- O Irmão Alonso Rodriguez [...] estando em ãa das ilhas do Mediterrâneo, *se lhe mostrou* em visão ãa armada [...] E semelhante a estas *se referem* de outros Santos muitas visões.
- Mas porque seria cousa impossível [...] repetir em tudo o que houver de dizer a dita cláusula [...] *a ponho e supponho* aqui de ãa vez...

- E porque, ficando na mesma terra os dez tribos de que ele se compunha, era fácil rebelarem-se os vencidos [...] *os arrancou* a todos Salmanasar de suas terras naturais, e *os levou* para as do seu reino, que eram as dos Assírios e Medos, e nelas *os pôs* em dous lugares...
- E S. Crisóstomo *lhe chama* expressamente...
- Agora somente *nos serve* haver dito o Anjo...
- Por estes três Silogismos *me pareceu* provável a dita Proposição...

Ênclise

- Se algum Profeta predisser e profetizar algũa cousa de futuro, posto que com o efeito e cumprimento da Profecia prove ser verdadeiro Profeta; se contudo vos persuadir que adoreis os Ídolos, *advirto-vos* que no tal caso não obedechais...
- Mas, porque fora matéria infinita fazer catálogos deles, *remeto-me* às Histórias Eclesiásticas...
- Fora-lhe comprar ãas botas um homem de Trancoso, que partia a embarcar-se para a índia, e *disse-lhe* Bandarra que guardasse o preço...
- E, para que não duvidassem que assi se havia de cumprir, *mostrou-lhes* como as felicidades...

Quanto à interpolação de *não*, confirma-se, também aqui, de forma expressiva, o predomínio registado nos *Sermões* e nas *Cartas*, também em diferentes tipos de oração, ainda que com particular destaque nas subordinadas finitas:

Interpolação: 67.3% (305)

Não interpolação: 32.6% (148)

Vejam-se alguns exemplos:

- [...] parece que *se não podiam dizer* a nenhum Rei...
- [...] nas quais razões *me não detenho*...
- A palavra esta, quando na dita proposição se diz: esta ilação etc, também *me não pareceu* merecedora de reparo algum...
- [...] nem os mesmos Idólatras, Incrédulos, Gentios e Hereges teriam culpa em *se não deixar persuadir e convencer*...
- [...] vendo que nós *lhe não negamos* a razão...
- O célebre texto [...] também *se não pode entender*...
- [...] e esta tão dilatada obra de sua conversão e restituição *se não há-de conseguir* senão pela vocação última...
- [...] se recorrermos à história da criação do mundo, acharemos que também Deus *os não criou* juntos...

De registrar, ainda – no nosso *corpus*, apenas no caso da *Representação...* –, a ocorrência bastante significativa de mesóclise, também um traço “antigo”, no futuro e no condicional (38 ocorrências), de que são exemplo formas como: *poder-se-á*; *ver-se-á*; *seguir-se-ia*; *vir-lhe-ão*; *far-lhe-á*; *dir-me-ão*; *dir-me-eis*; *achá-las-á*; *levá-lo-á*; *fá-lo-á*; *derrubá-lo-á*, sendo curioso verificar que, nas citações das trovas de Bandarra, autor da primeira metade do séc. XVI, a mesóclise é o único padrão registado:

Mas acho que o Lanudo
 mui sisudo
 que arrepeará o gato
 e *fá-lo-á* murar o rato...

Levá-lo-á por cimeira,
 alimpará a carreira
 de toda a terra do Cão

Em Vieira, é, no entanto, possível, encontrar padrões alternativos à mesóclise, nomeadamente a próclise, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- [...] então *te conhecerão e estimarão...*
- [...] desde esta hora *te mandarei lançar* na cidade...
- [...] tu *me esperarás* a mim e eu *te esperarei* a ti...

5. Conclusões

Os dados analisados permitem algumas conclusões, que corroboram e complementam as dos vários autores que têm abordado o tema, ainda que, necessariamente sempre a título indicativo e a confirmar através da análise de novos *corpora* cujos dados possam ser relevantes para a questão em apreço.

Assim, nos textos agora analisados, a observação dos padrões de colocação dos clíticos nas orações principais afirmativas sem proclisadores permite concluir:

- a. Que os resultados obtidos nos textos de Vieira não parecem depender da época em que estes foram escritos. Atendendo a que Vieira viveu quase 90 anos, 1608-1697 (mais trinta anos do que D. Francisco Manuel de Melo), em plena época de concorrência entre os dois sistemas, poder-se-ia esperar que a ênclise estivesse progressivamente mais presente entre os textos da sua juventude e os da sua maturidade e velhice. No entanto, os dados obtidos, quer nos *Sermões*, quer nas *Cartas*, ainda que meramente indicativos, pela escassez do corpus, não parecem confirmar esta hipótese, uma vez que não

se verifica um aumento da percentagem de ênclise dos textos mais antigos para os mais recentes.

- b. Por outro lado, a análise efectuada permite também confirmar que o género dos textos parece ser, de facto, uma variável que condiciona os dados obtidos, uma vez que o predomínio da ênclise se verifica nos *Sermões*, textos oratórios, mas não nas *Cartas*, textos epistolares, ou na *Representação...*, texto expositivo/argumentativo. Esta constatação, permite, a nosso ver, confirmar como bastante provável a hipótese de que, tal como avançaram Galves *et al.* (2005), a ênclise possa configurar uma característica específica do género oratório.

No entanto, a hipótese explicativa avançada por aquelas autoras, que consideram o predomínio da ênclise nos *Sermões* de Vieira um traço que terá funcionado como marca estilística num período de concorrência entre os dois sistemas, perdendo-se como tal a partir do momento em que a ênclise se generaliza como padrão preferencial, pode, a nosso ver, ser complementada com um outro tipo de explicação, que se prende com as características muito específicas dos *Sermões* enquanto texto escrito. Efectivamente, os *Sermões*, sendo embora textos escritos literários, pertencentes a um determinado género, possuem, enquanto particularidade potencialmente relevante para a questão em apreço, o facto de serem textos originalmente orais, isto é, textos concebidos para serem ditos e ouvidos e só em fase posterior (no caso de Vieira, muito posterior) escritos e lidos. O próprio Vieira aponta, no Prólogo dos *Sermões*, as dificuldades em “reduzir a estilo” os sermões pregados no púlpito, que não eram, de facto, escritos, mas antes desenvolvidos oralmente a partir de notas e de apontamentos escritos, “borrões”, como também, na música barroca o faziam os músicos, improvisando a partir das partituras: “[...] obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres” (*Sermões* I: LVII).

Vieira demonstra, nesta afirmação, plena consciência das enormes diferenças entre a palavra dita – e ainda mais a palavra pregada, onde aspectos como as pausas e a entoação, por exemplo, assumem particular relevância – e a palavra escrita; isto é, da distância que separa o escrito do oral, em que o escrito fixa, mas, por outro lado, representa de forma simplificada e não fiel o oral. No caso de Vieira, a “exumação” destes “cadáveres”, isto é, a escrita dos sermões pregados, em muitos casos, muitos anos antes, é descrita pelo autor como penosa, pelo longo e meticuloso trabalho de “lima”, exigindo grande aplicação e persistência, pela ausência de originalidade, mas sobretudo pela consciência de que o resultado de tamanho labor nunca poderia ressuscitar, de facto, os sermões pregados, perdidos para sempre, na volatilidade do oral, entre a voz do pregador e os ouvidos do público.

Assim, parece razoável colocar a hipótese de que a ocorrência de um traço inovador, neste caso o predomínio da ênclise como padrão de colocação básica dos clíticos neste tipo específico de texto e não noutros, que acaba por funcionar como uma marca do género, tenha como motivação a transposição para a escrita de um traço que

já estaria difundido na oralidade e que, como tal, apareceria nos *Sermões* escritos (já no final da longa vida de Vieira, uma vez que a edição prínceps foi iniciada apenas em 1679) como uma forma de aproximação do escrito ao oral, como, nos *Sermões* ditos, do orador ao público.

No entanto, atendendo a que os sermões analisados quanto a este aspecto da sintaxe seiscentista têm sido apenas os do Padre António Vieira, a generalização das conclusões propostas sobre a relação entre o predomínio da ênclise e o género oratório deverá necessariamente ser confirmada, em trabalhos futuros, pela análise de outros *corpora*, nomeadamente de sermões de outros autores representativos do séc. XVII que saíram a lume entre a época áurea e a decadência do Barroco português, como é o caso de Manuel da Silva, Francisco de Mendonça, João de Ceita, Filipe da Luz, Rafael de Jesus ou António Franco, coligidos, em obras como a *Sylva Concionatoria* (1698-1703), ou avulsos (cf. Lopes 1993: 29; Marques 2004: 111). Para estes últimos, é de grande utilidade a publicação, por Maria de Lourdes Belchior, em 1961, precedida de um breve comentário, do manuscrito 362 da Biblioteca Nacional, com a compilação de sermões avulsos impressos desde 1551 a 1706, inventariados por Bernardo Gomes (Belchior 1961).

Finalmente, os dados agora analisados permitem ainda confirmar a persistência maioritária nos textos de Vieira de dois traços de uma “gramática antiga” (Mateus *et al.* 2003: 865): a interpolação e a mesóclise, o que confirma a coexistência, no período em apreço, de diferentes gramáticas. No entanto, o facto de os *Sermões* apresentarem, entre os três tipos de texto analisados, a maior percentagem de casos de não interpolação, como traço “moderno”: 45.1% face a 25% nas *Cartas* e 32.6% na *Representação...*, pode ser visto, ainda que com as devidas cautelas, como possível manifestação do mesmo fenómeno de aproximação do orador ao público e do escrito ao oral, ainda que, neste caso, de forma menos marcada, o que pode indiciar que este fenómeno de mudança poderia estar menos avançado do que o da substituição da próclise pela ênclise nas orações principais afirmativas sem proclisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANZA, Ana Paula (2008): *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício* de Padre António Vieira, 2 vols. Edição crítica e estudo filológico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. <http://hdl.handle.net/10174/2703>.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1961): “A oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa”, *Arquivos de Bibliografia Portuguesa*, ano VI, nº 23-24, 5-49.
- CASTRO, Ivo (2006): *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- ESPÍRITO SANTO, Arnaldo / Maria Cristina PIMENTEL / Ana Paula BANZA (2008): *Sermões I*, de Padre António Vieira. Edição crítica. Lisboa: Centro de Estudos de Filosofia / Imprensa Nacional – Casa da Moeda. <http://hdl.handle.net/10174/2704>.

- GALVES, Charlotte (2001/2003): “Syntax and Style in Padre Antonio Vieira”, *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. VI.
- GALVES, Charlotte / Helena BRITTO / Maria Clara Paixão de SOUSA (2005): “The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”, *Journal of Portuguese Linguistics: Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond*, vol. IV, nº 1, 39-67. http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/memorias/relat_2006/pdf/gbps_jpl.pdf.
- KROCH, Anthony (1989): “Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change”, *Language Variation and Change*, 1, 199-244.
- KROCH, Anthony (2001): “Syntactic Change”, em Mark Baltin / Chris Collins (eds.), *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts - USA: BlackWell, 699-729.
- LOPES, António (1993): “A educação em Portugal, de D. João III à expulsão dos Jesuítas em 1759”, *Lusitania Sacra*, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2ª Série, tomo 5: *Jesuítas na Cultura e Sociedade Portuguesa*, 13-41. (<https://books.google.pt/books?id=zI-XO-ofIM4C>).
- MARQUES, João Francisco (2004): “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos – a pregação seiscentista do Domingo das Verdades”. *Via spiritus*, 11, 111-148.
- MARTINS, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento inédita. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (http://www.clul.ul.pt/bigfiles/Martins_Tese_1994c.pdf).
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003): *Gramática da Língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. *SYLVA CONCIONATORIA* (1698-1703). Parte I: *Sermões Panegyricos*. 4 tomos. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- VIEIRA, Padre António (1959): *Sermões* (15 vols). Porto: Lello e Irmão.
- VIEIRA, Padre António (1854): *Cartas do Padre António Vieira*, t. I. Lisboa: J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes.